

## → EDUCAÇÃO

# Telespectador educado

Humberto Rezende  
Da equipe do Correio

*Projeto de senador do PT inclui comunicação de massa no currículo escolar e colégio do DF já reúne alunos para debater o assunto*

**C**aio Lima, seis anos, gosta de assistir televisão até meia-noite. Sua irmã Tainá, quatro, levou os pais ao desespero quando resolveu mudar seu nome para *Fran*, uma das personagens da série *Chiquititas*, exibida pelo SBT. Suellen Araújo, nove, costuma acompanhar atenta as brigas em que os participantes do Programa do Ratinho, também do SBT, se envolvem todas as noites. Quando se senta em frente à televisão, a criança brasileira está exposta a uma programação que não é aquela que os educadores e muitos pais consideram ideal. Mas o que fazer?

A discussão sobre a qualidade do que é mostrado na telinha, e como melhorá-la, cresceu muito nos últimos anos. Agora ela pode entrar pelos portões das escolas e merecer um lugar de destaque na sala de aula. Projeto de lei do senador Geraldo Cândido (PT-RJ) inclui a disciplina *Introdução à Comunicação de Massa* nos currículos das escolas de ensino fundamental e médio.

Nessas aulas, os alunos discutiriam o papel que os meios de comunicação, em especial a televisão, têm na sociedade e entenderiam o funcionamento desses veículos. "A idéia é formar um público de televisão mais crítico, que assim tenha condições de exigir uma televisão de maior qualidade", justifica o senador, cujo projeto já foi aprovado na Comissão de Educação do Senado e deve ir em breve para votação no plenário.

Antes mesmo que a idéia vire lei, no entanto, direção e professores da Escola Classe 512, de Samambaia, já se atentaram para a importância de influir nos hábitos dos seus alunos. Com total apoio dos pais, foi realizado no colégio o projeto *A televisão em minha vida*, que debateu com as crianças os programas aos quais eles costumam assistir em casa.

A idéia surgiu depois que uma pesquisa foi feita com os alunos. "Descobrimos que muitos alunos ficavam até de madrugada em frente à tevê e que seus programas preferidos eram o do

Ronaldo de Oliveira

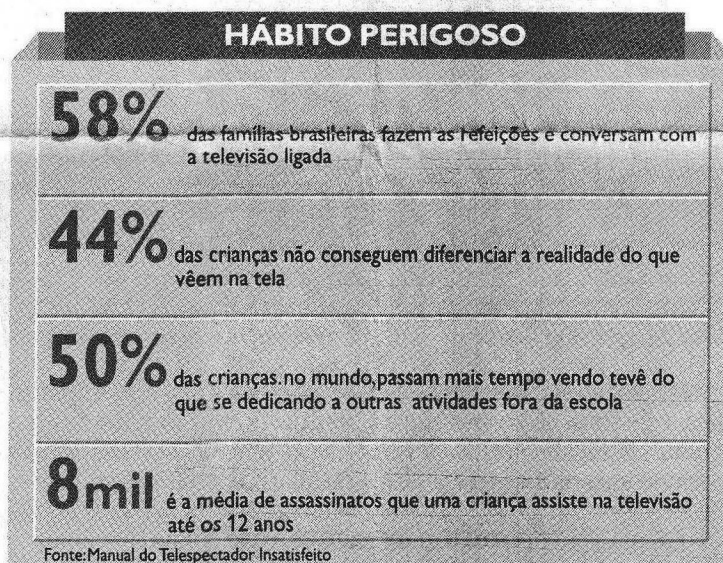


Geovânia, Suellen e Calebe, da Escola Classe 512, de Samambaia: aprendendo a brincar mais e que nada ganham com a violência na TV

Ratinho e o H (Bandeirantes), porque mostrava a *Tiazinha*", conta a assistente pedagógica Renata Santos.

Outra constatação: a televisão era a principal companhia das crianças, já que a maioria dos pais tem receio de deixar os filhos sair de casa temendo a violência da cidade. "A televisão estava substituindo os pais e a escola na formação deles", diz Renata.

Algo precisava ser feito. Os professores apresentaram peças de teatro sobre o assunto, começaram a trabalhar em sala de aula com reportagens e histórias sobre a televisão e a debater o tema com os alunos. Também convidaram os pais para encontros em que mostravam a importância de impor limites e conversar mais com seus filhos. Aos poucos, to-



dos foram ganhando mais noção do que é a televisão. "Aprendi que nem tudo que a gente vê é certo. Violência e drogas, por exemplo, não são coisas boas", diz Calebe de Souza, nove

anos. Suellen, também aluna da escola, diz que não deixou de assistir ao Programa do Ratinho, mas já o vê com outros olhos. "Nem tudo que ele mostra é verdadeiro", desconfia. A escola procurou ensinar também brincadeiras populares, como amarelinha e pique-pega, que estavam esquecidas pelos pequenos, para servirem de alternativa nas horas vagas. "Hoje brinco bastante. É mais legal que assistir televisão", diz Geovânia Rocha, nove anos.

A vice-diretora da escola, Maria Helena Navarro, gosta da idéia, mas sugere uma mudança. Para ela, o projeto não deveria prever a formação de uma disciplina separada das demais, mas constar do currículo como um tema transversal obrigatório (que pode ser abordado em várias maté-

rias). "Permitiria que trabalhássemos de forma a interdisciplinar, juntando vários conteúdos", diz.

Para a micro-empresária Maria de Fátima Lima, 30 anos, a escola deveria ajudar os pais a impor limites aos filhos em relação à televisão. "A gente se sente um pouco perdida", admite. Ela é mãe de Caio e Tainá, que adoram passar horas em frente à telinha. Fátima conta que já não sabe mais o que fazer para que o filho desligue o aparelho e vá dormir. "O sonho dele é amanhecer assistindo tevê", diz. O menino conta que é fã de desenhos animados e do canal Fox Kids, de televisão por assinatura.

Mas foi mesmo com Tainá que Fátima ficou preocupada. Fã de *Chiquititas*, a menina se apaixonou por um dos atores e decidiu que se chamaria a partir de então *Fran*, nome da personagem que faz par romântico com o tal ator. "Pensei em levar para o psicólogo. Acho que essa novela tem muita sensualidade para um programa infantil", opina a mãe.

Por essas e outras que o publicitário Wagner Bezerra, autor do livro *Manual do telespectador insatisfeito* (Summus), concorda com a criação de políticas públicas que ajudem a sociedade a exigir uma programação melhor na televisão e aprova o projeto de Nascimento. Seu livro é uma espécie de guia para pais e professores discutirem a qualidade da televisão e apresenta dados de pesquisas nacionais e internacionais que mostram a má influência da tevê para a formação das crianças (veja quadro). "Os canais de televisão aberta são concessão pública e é direito de cada cidadão opinar sobre sua programação", acredita Wagner.

### SERVIÇO

Escola Classe 512  
Tel.: 358-0799

### LEIA MAIS

*Sobre as provas do PAS na página 4 do Caderno Cidades*